

Encontros e diferenças: gêneros, sexualidades e racialidades no fazer científico da geografia

Elisabete Farias SILVA

Unicamp

e-mail: lisafariasgeografia@gmail.com

p. 215-217

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 23 • nº 1 (2019)

ISSN 2179-0892

Como citar este artigo:

SILVA, E, F. Encontros e diferenças: gêneros, sexualidades e racialidades no fazer científico da geografia – resenha.

Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, p. 215-217, abr. 2019. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/148453>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.148453>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

Encontros e diferenças: gêneros, sexualidades e racialidades no fazer científico da geografia

Resenha de Elisabete Farias Silva

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JR., A. B. **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2016.

Organizado pelos geógrafos Joseli Maria Silva (UEPG), Marcio Jose Ornat (UEPG) e Alides Baptista Chimin Junior (Unicentro), *Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças* é uma obra preciosa para a geografia brasileira. Composta por dez artigos, sendo nove traduções do inglês, a coletânea é fruto de uma decisão de pronunciamento sobre escolhas e escalas espaciais, com o objetivo de produzir uma geografia capaz de trazer sujeitos generificados, sexualizados e racializados para o centro do debate científico. O subtítulo, *encontros e diferenças*, está presente tanto no conjunto da obra quanto nas bem articuladas bases teóricas dos artigos.

Publicado em 2016, o livro é parte da produção científica do Grupo de Estudos Territoriais (Gete), formado em 2003 na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. O Gete trouxe novas questões para a análise espacial, pautadas no gênero e nas sexualidades, como contraponto às abordagens heteronormativas, confirma Miguel Angelo Ribeiro no prefácio.

Além de a organização dos artigos proporcionar uma vasta e consistente aproximação com a diversidade de pesquisas já realizadas no campo das geografias feministas e das sexualidades, o primeiro artigo, “Sobre as desobediências epistemológicas e o testamento intelectual de Milton Santos” (Assis, 2004, p. 13-30), de autoria dos próprios organizadores, traz à luz discussões muito pertinentes e atuais.

Silva, Ornat e Chimin Junior (2016, p. 22) contextualizam: no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, “a geografia marxista adquiria *status* de verdade pouco questionada. Todavia, no contexto anglófono, o debate era acalorado em torno das diferenças e da capacidade compreensiva do marxismo sobre a realidade espacial para a conquista da justiça social num mundo globalizado”. Assim, o avanço da discussão feminista e das sexualidades no Reino Unido e principalmente no EUA justifica o fato de a coletânea ser composta por nove traduções.

Entretanto, os organizadores expõem a preocupação com um fazer geográfico brasileiro, atento a nossa realidade; por isso, alertam para o fato de os textos e autores traduzidos serem parte de outro contexto epistemológico, com os quais é possível dialogar, “apesar das relações de poder que ainda permeiam as relações intelectuais entre o norte e o sul global” (p. 28). Assim, nos convidam a “uma operação de caça”, como propõe Alain Certeau (1994), tomando a leitura como processo ativo e relacional mediado pela trajetória intelectual e existencial dos leitores. Nesse sentido, essa coletânea de traduções se presta a interpretações próprias ao campo científico geográfico brasileiro, que carece da visibilidade da multiplicidade dos sujeitos em suas relações espaciais.

Destacamos que *Geografias feministas e das sexualidades* é tecido por corpos generificados e sexualizados em diversos contextos. São textos produzidos desde 1982, como o clássico “Não excluam metade da humanidade da geografia humana”, de Janice Monk (professora emérita da School of Geography and Development, University of Arizona, EUA) e Susan Hanson (professora emérita da Clark University, EUA), até desdobramentos mais recentes como os de “A política sexual do neoliberalismo e a austeridade num país ‘excepcional’: a Itália”, de Cesare Felicianantonio (pós-doutorado na University College Dublin, Irlanda). Os sujeitos de pesquisa também têm diferentes existencialidades: um geógrafo baiano negro de grande prestígio e influência na ciência brasileira (texto dos organizadores), cientistas homens em empresas de alta tecnologia, em Cambridge, Inglaterra (Dora Massey), mulheres de uma comunidade rural pobre na Nicarágua (Julie Cupples), identidade de jovens homens muçulmanos (Peter Hopkins), mulheres que são confundidas com homens no Reino Unido (Kath Browne), casais heterossexuais que consomem as paisagens turísticas na Nova Zelândia (Lynda Johnson), LGBT casados ou solteiros na Grã-Bretanha (Gavin Brown) e LGBTQ e o neoliberalismo na Itália (Cesare Felicianantonio). Em diálogo com geografias feministas e das sexualidades, os artigos também se aprofundam nas análises com base na teoria *queer* e em geografias marxistas, da religião, morais, das emoções e do turismo.

Nesta resenha, detenho-me no artigo dos organizadores, pois entendo que há aí uma possibilidade de reflexão aprofundada, de que carecemos em nosso fazer geográfico em face da multiplicidade, na realidade brasileira, de vivências socioespaciais próprias. Como geógrafa, pesquisadora, mãe e mulher no interior paulista, leio *Geografias feministas e das sexualidades* sentindo um preenchimento teórico muito consistente e promissor no horizonte de problemas vividos, mas (ainda) negligenciadas no âmbito científico da geografia brasileira.

É sobre essa realidade que, estratégica e taticamente, Silva, Ornat e Chimin Junior contextualizam o legado de Milton Santos em nosso fazer geográfico e, “ora legitimando o campo científico, ora conflitando com ele”, argumentam sobre *faltas e ausências* na teoria socioespacial: “Em meio a uma formação intelectual fortemente pautada nas concepções miltonianas e a tensão de realidades não contempladas por esse campo teórico, ocorreu a leitura do ‘testamento intelectual’ de Milton Santos” (Assis, 2004). Para os autores, esse texto é rico em humanidade e desmistifica a figura santificada do cientista isolado em sua torre de marfim, cuja capacidade intelectual produz teorias e modelos para a compreensão da realidade espacial universal. Com notas pessoais, pensamentos inacabados e desabafos de alguém que percebe a finitude e se sente à vontade para romper regras formais de conduta que envolvem a produção do saber acadêmico, o depoimento reflete incômodos suscitados pela dissonância entre a teoria geográfica apreendida no contexto europeu e a trajetória de um baiano negro que procurava compreender a realidade brasileira.

Aproximando-se do problema da transformação do pensamento e da carreira acadêmica e científica de autores muito reconhecidos da ciência geográfica, Silva, Ornat e Chimin Junior discutem a produção e o posicionamento de David Harvey, com destaque para as obras *The condition of postmodernity* (1989), *Justice, nature and the geogragraphy of difference* (1996) e *Sapces of hope* (2000), salientando o modo como o autor incorporou outros temas, respondendo às críticas feministas que recebeu, sobretudo no tocante às ideias de diferença e de lutas universais e particulares.

Comparando a produção intelectual de David Harvey e Milton Santos como teóricos de base marxista, Silva, Ornat e Chimin Junior entendem que, frente às críticas, o primeiro “assumiu e deu visibilidade aos sujeitos, suas diferenças e aos seus corpos em suas análises, como pode ser visto em sua obra *Spaces of Hope*, publicada em 2000”, enquanto o brasileiro, em sua última obra, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, manteve o caráter de agentes de capital e trabalho descorporificados – daí a não promoção desse debate que reverbera na geografia marxista desenvolvida no Brasil, de base miltoniana.

Ainda assim, os organizadores apontam autores recentes como Cirqueira e Ratts (2010) e Cirqueira (2010), que associam a obra de Milton Santos a questões raciais. Isso porque, mesmo que a historiografia do pensamento geográfico brasileiro de base miltoniana não tenha trazido gênero, sexualidades ou racialidades para o debate, não significa que outros contextos epistemológicos não o tenham feito e “Tampouco o fato de trazer tais elementos para a análise espacial poderia gerar qualquer descaracterização da geografia como ciência” (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2016, p. 27).

Discutindo dois homens geógrafos, Milton Santos e David Harvey, entendo que os organizadores sugerem alguns caminhos: a necessidade de pensar as obras e os autores em seu tempo e lugar, o modo como as geografias vividas impulsionam a ciência geográfica para outras e novas análises, a importância das múltiplas vozes para a constituição de uma ciência geográfica brasileira plural e aberta à diversidade de existências e quanto as geografias feministas e das sexualidades podem oferecer ao fazer contemporâneo da geografia, seja na leitura do que já se produziu, seja no que ainda se há de produzir.

Referências

- ASSIS, J. P. **Milton Santos**: testamento intelectual. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. vol. 1: Artes do fazer.
- CIRQUEIRA, D. M. **Entre o corpo e a teoria**: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- CIRQUEIRA, D. M.; RATTS, A. A “questão negra” na trajetória teórica do geógrafo Milton Santos. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. p. 1-11.
- HARVEY, D. **Sapces of hope**. Los Angeles: University of California Press, 2000.
- HARVEY, D. **Justice, nature and the geogragraphy of difference**. Oxford: Blackwell, 1996.
- HARVEY, D. **The condition of postmoderity**. Oxford: Blackwell, 1989.